



GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

JOSÉ DE LIMA

**RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO E A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO
AFETIVO ENTRE PROFESSOR E ALUNO**

Guarabira / Paraíba

2014

JOSÉ DE LIMA

**RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO E A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO
AFETIVO ENTRE PROFESSOR E ALUNO**

Trabalho apresentado ao curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba UEPB, como pré-requisito para obtenção do título de especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

Guarabira / Paraíba

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732r Lima, José de

Relação professor aluno e a importância do relacionamento afetivo entre professor e aluno [manuscrito] : / José de Lima. - 2014.

48 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Administração Escolar) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro, Departamento de Geografia".

"Co-Orientação: Profa. Dra. Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha, Departamento de Geografia".

"Colaboração: Silvânia Karla Farias de Lima".

1. Relação. 2. Professor. 3. Aluno. 4. Ensino. I. Título.

21. ed. CDD 158.2

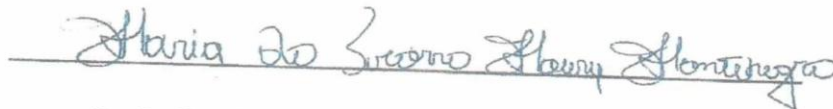
GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

JOSÉ DE LIMA

RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO E A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO
AFETIVO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Aprovado em: 06/12/2014

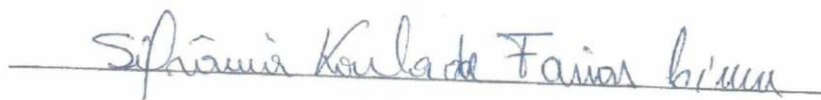
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro



Profa. Dra. Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha



Profa. Ms. Silvana Karla Farias de Lima

Guarabira / Paraíba

2014

Aos meus familiares, mestres e todos que participaram direta ou indiretamente na conclusão deste trabalho, em especial a: Maria Helena, Larissa e Layane. Sem vocês a vida não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor meu Deus, por privilegiar-me com o dom da vida, dando-me o alimento necessário para seguir meu caminho, enfrentando e vencendo dificuldades adversas.

Neste trabalho, especificamente, somaram-se os esforços de inúmeras pessoas que tinham como objetivo não apenas a ciência e sim a ajuda fraterna e desinteressada para que outros alcançassem seus objetivos. Registro a minha homenagem e reconhecimento a todos que direta ou indiretamente participaram desta vitória.

Enfrentar uma pós-graduação tende que estudar e trabalhar não são uma tarefa muito fácil e seria impossível se não contasse com toda a paciência e amor, nas longas horas de aflição, de uma mulher simples, amiga, leal e companheira, Maria Helena, a ti devo todos os momentos de alegria. Sem você essa vitória não seria possível.

As minhas filhas **LARISSA E LAYANE**, que são fontes eternas de inspiração em minha vida.

Aos meus irmãos **JOÃO, JORGE, CIDA E MARIA DO CÉU**, cujas presenças têm contribuído para minha formação pessoal e profissional, pois assimilaram junto comigo os ensinamentos de nossos pais, e sempre me ajudaram a colocá-los em prática.

A todos os amigos e professores da pós-graduação que repassaram seus conhecimentos, vivências, experiências e amizade, durante o período das disciplinas e a todos os funcionários desta Instituição, que colaboraram direta ou indiretamente para a minha realização profissional.

“Deus recompensará a todos com ricas bênçãos dos céus!!”

“O diferente de nós não é inferior. A intolerância é isso: é o gosto irresistível de se opor às diferenças.”

Paulo Freire

RESUMO

Essa pesquisa investigou o desenvolvimento da relação professor – aluno, enquanto processo cognitivo e social. Analisando, principalmente, os aspectos que contribuem para a teoria do afeto / esforço e o aluno valorizando no professor as qualidades que os ligam afetivamente. Com base nas teorias de relevantes autores, que se dedicam ao estudo do processo da relação professor – aluno, “nasceu” o desejo de fato tais pesquisas poderiam ser confirmadas na prática do dia-a-dia. A pesquisa foi realizada com 10 docentes e 30 discentes na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Márcia Guedes, sediada em Belém – PB. O objetivo principal foi perceber como os professores avaliam a experiência pedagógica desenvolvida, utilizando-se da análise qualitativa e quantitativa dos dados coletados. Para isso, foi elaborado um roteiro de entrevista que serviu de orientação para a pesquisa. A partir das respostas aos questionamentos da entrevista foi organizado um perfil dos professores e alunos. Em seguida foram analisados os pontos positivos e negativos conforme a percepção dos docentes e discentes. Várias considerações surgiram, entre os aspectos “positivos” destacados constatamos que a relação professor – aluno deferiu substancialmente os objetivos pretendidos com relação ao exercício democrático desenvolvido e exercidos pelos seus componentes durante a realização de suas etapas. Como aspecto “negativo” encontra-se atitude discriminatória que não é concebível, sobretudo, em uma relação professor – aluno. O autor pretende que, do seu estudo, haja contribuições úteis para as pessoas envolvidas com a causa dos movimentos sociais e educacionais. Diante dessa realidade, destaca-se como papel importante o incentivo instaurado na relação professor – aluno como instrumento de transformação cognitiva e social.

PALAVRAS-CHAVE: Relação. Professor. Aluno. Ensino.

ABSTRACT

This research investigated the development of the teacher - student relationship, while cognitive and social process. Analyzing mainly the aspects that contribute to the theory of affect / effort and the student teacher appreciates the qualities that connect emotionally. Based on theories of relevant authors, who are dedicated to the study of the process of teacher - student relationship, "born" the desire of fact such research could be confirmed in practical day-to-day. The survey was conducted with 10 teachers and 30 students at the State Elementary School and Middle Márcia Guedes, headquartered in Bethlehem - PB. The main objective was to understand how they evaluate the developed teaching experience, using qualitative and quantitative analysis of data collected. For this, an interview script that served as guidance for the research was developed. From the answers to the questions of the interview was arranged a profile of teachers and students. Then the positive and negative points were analyzed according to the perception of teachers and students. Several conclusions emerged among the positives was found that the teacher - student relationship substantially upheld the intended objectives with respect to democratic exercise developed and used by their components during the course of its stages. How negative is discriminatory attitude which is not conceivable, especially in a teacher - student relationship. The author wishes only that its study useful information for people involved in the cause of social and educational movements could arise. Given this reality, there is an important role in encouraging and establishing the teacher - student relationship as a tool for cognitive and social transformation.

KEYWORDS: relative, teacher, student, teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1.1 O PRIMEIRO DIA DE AULA.....	12
1.1.1 Julgamentos Prévios.....	12
1.1.2 O aluno em Relação ao Professor.....	13
1.2.3 O Professor em Relação ao Aluno.....	14
2. ATITUDES DOS PROFESSORES.....	15
2.1.1 Características Pessoais.....	15
2.1.2 Atitudes e Condutas.....	16
3.1 OS PRECONCEITOS.....	17
3.1.1 Postura do Professor.....	17
3.1.2 Manifestações do Tratamento Diferencial.....	18
3.1.3 O Preconceito Linguístico.....	19
4.1 O PROFESSOR NA SALA DE AULA	20
4.1.1 Consequência da Abertura do Professor.....	20
4.1. 2 A conduta do Professor que tem Expectativas Altas.....	21
4.1.3 Autenticidade e Genuinidade.....	22
4.1.4 Teoria do Afeto/Esforço.....	23
5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
5.2 Características da Amostra.....	24
5.3 instrumentos de Coletas de Dados.....	25
6.1 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS.....	25
CONSIDERAÇÕES	42
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICE.....	46

INTRODUÇÃO

Uma pesquisa sobre as relações sociais entre professor – aluno no 8º Ano, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheira Márcia Guedes Alcoforado de Carvalho, Belém – PB, no ano letivo de 2014, procura transparecer os diversos tipos de relações na escola, envolvendo professor – aluno de uma forma homogênea.

O professor terá que ter um pensamento de heterogeneidade que o levará a pensar, refletir, escolher a melhor estratégia de aprendizagem de cada um deles.

A relação professor – aluno é um aspecto fundamental da organização da “situação didática”, tendo em vista alcançar os objetivos e habilidades.

Faz-se necessário estudar a relação professor – aluno na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Média Engenheira Márcia Guedes Alcoforado de Carvalho - tendo em vista, tanto a necessidade de valorizar o relacionamento entre professor e aluno, numa construção de novas ideias. Como também explicitar um convívio diário de conscientização e união numa construção de investigações e descobertas no convívio social e escolar dos indivíduos inscritos nesta unidade, de uma forma participativa e ativa num processo de formação consciente e crítica dentro de uma sociedade que omite os valores dos cidadãos em comum.

Além disto, existe também fatos que se almeja explorar dentro de tal relacionamento, como respeitos mútuos, direitos e deveres e os princípios que regem tal relacionamento.

Diante desse quadro em que se insere o oitavo ano do Ensino Fundamental, esse estudo coloca em foco a “relação professor – aluno como instrumento de valores, descobertas e criações”, tendo como objetivos específicos:

- Compreender as causas do insucesso da relação professor – aluno do 8º Ano ;
- Identificar a importância da relação professor – aluno na construção da aprendizagem individual e coletiva;
- Definir os diversos tipos de linguagem existentes na relação professor – aluno;
- Construir subsídios para uma nova forma de compreender as diferenças individuais.

A confirmação ou não dessas teorias guiaram as observações e pesquisas que vieram a produzir esse registro monográfico, que sintetiza assuntos por demais abrangentes e que estão sempre em discussão no meio educacional. Um desafio! Ou diríamos, mais um desafio, na luta diária de realizar algo que contribua de alguma forma para minimizar a problemática da relação professor-aluno no pleno exercício de sua função. Sem perder de vista o

desenvolvimento do processo da relação professor – aluno, através da prática em sala de aula, a qual revela importantes informações sobre o processo de desenvolvimento, com base na sistematização dos seguintes capítulos:

No **primeiro capítulo** ressalta o autor que as virtudes e valores do professor que consegue estabelecer laços afetivos com seus alunos repetem-se e intrica-se na forma como ele trata o conteúdo e nas habilidades de ensino que desenvolve. Enfatiza que a relação professor – aluno passa pelo trato do conteúdo de ensino. A forma como o professor se relaciona com a sua própria área de conhecimento.

No **segundo capítulo**, o estudo dos Parâmetros Curriculares Nacionais impulsionou a reflexão sobre ética. Ela não tem um caráter normativo, pois, ao fazer uma reflexão ética, pergunta-se sobre a consistência e a coerência dos valores que norteiam as ações, busca-se esclarecer e questionar os princípios que orientam essas ações, para que elas tenham significado autêntico nas relações.

No **terceiro capítulo**, destaca o autor que o fato de ter consciência que sua ação como educador fundamenta-se em opções, de uma concepção de homem e de mundo, faz do professor um profissional mais consciente da abrangência de seu trabalho, contribui na formação de outras pessoas e, na construção de uma sociedade coerente.

No **quarto capítulo**, enfatizam que não se podem analisar as relações que o professor estabelece com o aluno senão a partir de situações concretas de sua história e de sua vida.

No quinto capítulo, está demonstrando que, a relação professor na sala de aula entendida de maneira mais genérica. Uma vez que tudo é relação, interessa-se refletir sobre essa visão de conjunto. Como é nosso estilo de relação habitual, nossa relação global com a classe e os efeitos dessa relação aos alunos.

No sexto capítulo, está relacionada à atividade realizada em sala de aula pelos os docentes e discentes. Esclarecemos, no entanto, que as possíveis explicações apresentadas foram formuladas depois de um longo trabalho de compreensão dos significados pelos sujeitos no roteiro de entrevista utilizada durante a pesquisa.

Finalmente, apresentamos nossas considerações finais não com o intuito de colocar um ponto final nas questões que não foram tão aprofundadas nesse estudo. Mas buscando, sobretudo, desenvolver algumas reflexões, que de certa forma, ou continuam, ou dão início a muitas outras que também reflitam sobre a relação professor – aluno.

1.1 O PRIMEIRO DIA DE AULA

Segundo Morales (2003) é na primeira aula que os alunos estão muito atentos ao que se quer dizer, e essa é uma oportunidade da qual não se deve descuidar. Ainda mais um bom costume pode ser o de preparar um esquema bem pensado com tudo aquilo que se quer dizer neste dia.

O autor refere – se especialmente às primeiras impressões negativas ou às informações prévias que não deixam a classe em boa situação. É verdade que pode haver preconceitos, que a informação prévia pode ser total ou parcialmente incorreta, mas também é verdade que uma má impressão ou um mau juízo pode estar bem fundado em experiências anteriores.

Morales (2003, p. 80) sabe – se por experiência que nem todos os grupos são iguais; em função de muitas variáveis, pode coexistir na sala de aula estilo muito diferente (de motivação, de conduta, de possibilidade...). Nesse caso, nosso empenho deve consistir em modificar a situação e partir do modo como os alunos são e não de como gostaríamos que fossem em vez de deixar que se consolide uma situação negativa para o aprendizado e o “bom” andamento da classe. As primeiras aulas são de uma importância capital.

1.1.1 Julgamentos Prévios

Conhecer o aluno e seu ambiente é a primeira etapa do processo de planejamento. É preciso saber quais as aspirações, frustrações, necessidades e possibilidade dos alunos.

Quando Sandin (1997) afirma que as convicções iniciais vão sendo superadas e outras mais complexas vão sendo construídas. As novas aprendizagens passam a fazer parte dos esquemas de conhecimentos dos alunos e vão servir de conhecimentos prévios para outras situações de aprendizagem.

Ressalta o autor que na medida em que influenciarem sobre uma atitude inicial do professor, a relação com todos ou alguns alunos pedem ir por alguns caminhos ou por outros que se vê julgado antes de ter a oportunidade de demonstrar que as coisas mudaram? A informação prévia pode ser útil e, além disso, é quase inevitável.

De acordo com a afirmação de Morales (2003, p. 11):

[...] Outro momento específico de relação importante é o primeiro dia de aula. Embora pareça um tema menor, as primeiras impressões que temos da

classe, ou a primeira impressão que os alunos têm de nós, são importantes e se traduzem em um modo de nos comunicar que pode ser muito condicionante, para bem ou para mal. As expectativas, os medos, a disposição da classe dependem em boa medida das primeiras aulas.

O autor enfatiza que isso é verdade na sala de aula, bem como em nossas relações pessoais em geral. Talvez não levemos em conta nossa relação com os alunos, àquilo que temos claro em outras relações. São situações às quais, às vezes, não dedicamos suficiente reflexão.

1.1.2 O aluno em Relação ao Professor

De acordo com Masetto (1994) a aprendizagem se realiza através do relacionamento interpessoal muito forte entre alunos e professores. Cria – se, um clima efetivo, responsável em muitos aspectos, pelo sucesso ou fracasso. Por isso mesmo, a relação professor – aluno tem um papel cada vez mais importante na vida de cada um. Esse relacionamento está concentrado na sua finalidade maior, que é a educação.

Ressalta Libâneo (1994, p.250):

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem às dificuldades.

Para o autor uma “boa” interação no aspecto cognoscitivo, é preciso levar em conta: o manejo dos recursos da linguagem (variar o tom de voz, falar com simplicidade sobre temas complexos); conhecer bem o nível de conhecimento dos alunos; ter um “bom” plano de aula, com objetivos claros; explicar aos alunos o que se espera deles em relação à assimilação da matéria, assim como critérios claros e bem definidos de avaliação.

1.2.3 O Professor em Relação ao Aluno

Ressalta Novaski (1993) que as virtudes e valores do professor que conseguem estabelecer laços afetivos com seus alunos repetem-se e intrincam-se, tanto na forma como ele trata o conteúdo, como nas habilidades de ensino que desenvolve. Provavelmente, talvez esteja muito claro que a relação professor – aluno perpassa pelo trato do conteúdo do ensino e pela forma como o professor se relaciona com a sua própria área de conhecimento, que é de fundamental importância para que o aluno possa compreender com mais clareza acerca de sua percepção de ciência e de produção do conhecimento.

Segundo Cunha (1989) o professor que acredita nas potencialidades do aluno, e que está de certa forma, preocupado com sua aprendizagem e com seu nível de satisfação, também exerce práticas de sala de aula de acordo com esta posição no âmbito da perspectiva de Morales (2003, p.10);

[...] Pensar na sala de aula como lugar de relação pode abrir para nós um horizonte de possibilidade, inclusive didáticas, que talvez não estejam utilizando em todo seu potencial. O modo como se dá nossa relação com os alunos pode e deve incidir positivamente tanto no aprendizado deles, e não só das matérias que damos, como em nossa própria satisfação pessoal e profissional, porque nossa relação com os alunos deve ser considerada uma relação profissional.

Segundo o autor essa conscientização da dimensão mais relacional de nosso trabalho na sala de aula é o que faremos aqui. Toda a vida na classe é relação de um tipo ou de outro: o professor explica, pergunta, responde, informa; comunica-se verbalmente e não verbalmente de muitas maneiras. Os alunos, por sua vez, executam, perguntam, respondem e também se comunicam não verbalmente de muitas maneiras; dizem que algo enquanto aguardam e também estão dizendo algo quando estão distraídos.

2.1 ATITUDES DOS PROFESSORES

Follman (1994) recolhe de outros autores uma série de personagens identificados como mestres influentes e inspiradores: Aristóteles, Platão, Sêneca, Jesus de Nazaré, Inácio de Loyola, Huxley, Hopkings, Dewey e outros. Essa lista é muito heterogênea, mas destaca a influência que pode ser exercida por uma só pessoa. A pergunta que o autor se faz é esta: que características fazem com que essas pessoas sejam mestres tão influentes? Esses nomes são apenas o prólogo para se tratar das características dos professores convencionais que mais e melhor influem em seus alunos.

O autor acrescenta que convém lembrar, em primeiro lugar, é que, ainda bem que o tão pesquisado “professor ideal” não existe. Certamente, é um consolo, porque podemos aspirar a ser excelentes professores sem ter de chegar às alturas de um modelo não alcançável. É compreensível que tenha ocorrido a muitos pesquisadores a intenção de investigar como deve ser o “professor ideal”. No entanto, os estudos dão conta de que emergem traços e condutas desejáveis, já que se admite que haja diferentes maneiras de ser um “bom professor”. Desde que este seja comprometido com a educação de seu país, buscando, na medida do possível, manter um “bom” relacionamento com seus alunos e influenciando-os positivamente, considerando que o educador, é, ou deve ser, antes de tudo, um agente de mudanças.

2.1.1 Características Pessoais

Ressalta Deiro (1995) que brota das próprias atitudes do professor, de vê em relação com seus alunos. Nessa área, a reflexão e a mudança são possíveis (mas não tanto no que diz respeito ao senso de humor ou ao fato de ser mais ou menos sério). O autor afirma que o professor comprometido, não só com a construção de saberes, mas principalmente, com formação a de cidadãos, deve ser, antes de um professor, um aprendiz, que tem sede de conhecimento e busca instrumentalizar-se. A fim de compreender e contribuir com a transformação da educação, mas só em seu âmbito escolar, mas de todo o contexto que a envolve.

Segundo Piletti (1986, p.19):

O professor que tem entusiasmo, que é otimista, que acredita nas possibilidades do aluno, é capaz de exercer uma influência benéfica na classe é estimulante e provocadora de comportamentos ajustados. O clima da classe torna-se saudável, a imaginação criadora emerge espontaneamente e atitudes construtivas tomam-se a tônica do comportamento da aula como grupo.

Ressalta o autor que existem mestres para quem tudo está muito bem do jeito que está e para quem os valores e as características da sociedade atual não devem mudar e devem mesmo ser difundidos. Eles atuam conscientemente como representantes do atual regime social, assumindo a responsabilidade de incorporar os alunos a tal regime e de adaptá-los ao sistema de vida e aos valores que a sociedade propõe.

2.1.2 Atitudes e Condutas

Conforme o pensamento de Novaski (1993) “a educação necessita de conhecimentos, para poder tornar-se fatos de inovação, e conhecimento precisa de educação, para tornar-se intervenção ética”.

Afirma o autor que ética, significa reflexão sobre a moral. Também é a formação de atitudes de bem viver em comunidade é importante que haja uma atenção especial como a qualificação das relações que se pretende viver na escola. Os professores precisam aprender a adaptar-se aos valores e às normas vigentes na sociedade de classes, através do desenvolvimento cultural.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) dos temas transversais (2001, p.52):

A ética é a reflexão crítica sobre a moralidade. Ela não tem um caráter normativo, pois, ao fazer uma reflexão ética, pergunta-se sobre a consistência e a coerência dos valores que norteiam as ações, busca-se esclarecer e questionar os princípios que orientam essas ações, para que elas tenham significado autêntico nas relações.

Na descrição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) dos temas transversais, a ética trata de princípios e não de mandamentos. Supõe que os seres humanos

devem ser justos. Porém, como ser justo? Ou como agir de forma a garantir o bem de todos? Não há resposta predefinida. É preciso entender as concepções relacionadas aos princípios que contribuem para a construção da moralidade do cidadão, levando em consideração conhecimentos históricos e sociais que resgatem a gênese desse princípio na prática social.

3.1 OS PRECONCEITOS

Destaca Sandím (1997) que quando se tem grupos de alunos de diversas procedências (regionais, nacionais, étnicas...), não é demais chamar a atenção para a possibilidade de que algum tipo de preconceito esteja condicionando a percepção (fixação nos dados que confirmam os preconceitos do professor), bem como suas atitudes e condutas com relação a alguns tipos de aluno.

Segundo o autor que o preconceito é de uma importância muito atual e o será ainda mais no futuro, pois a convivência entre culturas diferentes vem sendo mais a norma que a exceção em muitos lugares. Os fenômenos migratórios, já não inter-regionais mais internacionais, vão se fazendo presentes nas salas de aula. É verdade que, às vezes, a distância cultural é pequena, mas outras vezes é grande e pode se vir aumentada precisamente pelos preconceitos não só dos professores, mas também dos outros alunos.

3.1.1 Postura do Professor

Explica Cunha (1989) que é importante dizer que os alunos não apontam como melhores professores os chamados “bonzinhos”. Ao contrário, o aluno valoriza o professor que cumpre o seu papel, sendo exigente, criterioso com relação à participação e o envolvimento nas suas atividades e tarefas. E, em sendo assim, ele percebe que esta é também uma forma de interesse e envolvimento, se articulada com a prática cotidiana da sala de aula.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) dos temas transversais (2001, p.302):

A escola deve informar, problematizar e debater os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando não a isenção total, o que é impossível, mas um maior distanciamento das opiniões e aspectos pessoais dos professores para empreender essa tarefa. Isso porque

na relação professor – aluno o professor ocupa lugar de maior poder, constituindo-se em referência muito importante para o aluno.

Na descrição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) dos temas transversais é necessário que os professores possam reconhecer os valores que regem seus próprios comportamentos e orientam sua visão de mundo, assim como reconhecer a legitimidade de valores e comportamentos diversos dos seus. Tal postura cria condições mais favoráveis para o esclarecimento, à informação e o debate sem a imposição de valores específicos.

Segundo Sandím (1997) como a relação do professor com os outros dentro e fora da sala de aula, baseia-se em boa medida no modo como os vê e os avaliam no modo como acreditam que são, é preciso estar atentos às possíveis existências de preconceitos.

Destaca o autor que o fato de ter consciência que sua ação como educador fundamenta-se em opções, de uma concepção de homem e de mundo, faz do professor um profissional mais consciente da abrangência de seu trabalho, contribui na formação de outras pessoas e, na construção de uma sociedade coerente.

Ressalta Cury (2003, p.72) que:

Ser um mestre inesquecível é formar seres humanos que farão diferença no mundo. Suas lições de vida marcam para sempre os solos cocientes e inconscientes dos seus alunos. O tempo pode passar e as sementes jamais serão destruídas.

O autor enfatiza que seja um mestre fascinante. Inspire a inteligência dos seus alunos, leve-os a enfrentar seus desafios e não apenas a ter cultura informativa. Estimule-os a gerenciar seus pensamentos e a ter um caso de amor com a vida.

3.1.2 Manifestações do Tratamento Diferencial

Afirma Rosenthal (1993) que os professores estabelecem um clima socioemocional mais agradável com ele. Esse clima é criado em certa medida por meio de comunicação e de gestos não verbais (o que pode se dar com um olhar, que nos proporciona um canal de comunicação muito expressivo).

Reforça o autor que o aluno espera ser reconhecido como pessoa e valoriza no professor as qualidades que os ligam afetivamente. O professor no início da aula deve estabelecer um clima adequado e estimulante para que o aluno possa se sentir motivado a participar da aula e efetivar sua aprendizagem. Neste primeiro momento da aula, o professor deve conquistar os alunos para o assunto a ser desenvolvido, estabelecendo laços de mútua aceitação e simpatia.

Segundo Morales (2003, p. 93-94):

Podem se tratar de condutas muito sutis, que aparentemente não são discriminatórias, mas que são facilmente detectáveis e que produzem sem dúvida bom efeito no aluno ao qual se dirigem. Vale a pena insistir nisso, para refletir sobre o que fazemos com alguns alunos e poderíamos fazer com todos: animar com o gesto e olhar, dar tempo (podem ser segundos extras) para que o aluno encontre a resposta adequada, reconheça um pequeno êxito parcial, saber dizer sem palavras “você existe para mim, eu o considero, sei que você sabe...”. É difícil fazer uma lista dessas condutas, mas todos sabemos que são elas muito reais e que há alunos com grande carência desse tipo de comunicação.

Ressalta o autor que os professores estabelecem um clima socioemocional mais agradável com esses alunos; são mais condescendentes e amáveis com eles. Esse clima é criado em certa medida por meio de comunicações e de gestos não verbais o que pode se dar com um olhar, que nos proporciona um canal de comunicação muito expressivo.

3.1.3 O Preconceito Linguístico

Afirma Carneiro (1996) que a linguagem e a escrita não são apenas uma das maiores experiências da vida escolar, elas transcenderam este espaço e passaram a ser uma vivência única para todo ser humano. Ao dominá-los, abrem-se a possibilidade de adquirir conhecimentos, desenvolvidos raciocínios; participar ativamente da vida social, alargar a visão de mundo, do outro e de si mesmo.

A autora acrescenta aceitar esse desafio sem preconceitos e fórmulas irrealis, respeitando o ambiente cultural dos alunos e acreditando que estão equipados de modo específico para aprender línguas, é fazer o que a linguística diz ser essencial ao educador.

Segundo Bagno (1999, p. 74-75):

Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livra-se de vários mitos: o de que existe uma forma “correta” de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a de outras, o de que falar “correta” é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado.

Na perspectiva do autor é importante lembrar que a sociolinguística tem contribuído para a compreensão da linguagem verbal quando mostra que ela é uma atividade social que reflete a diversificação das classes e situações sociais e deve adequar-se às necessidades de comunicação.

4.1 O PROFESSOR NA SALA DE AULA

Para Miller (1994) os alunos não são nossos amigos no mesmo sentido em que podem sê-lo outras pessoas de nossa idade ou âmbito familiar. Não se trata de contar nossa vida ou nossos problemas aos alunos, e menos ainda na sala de aula. Mas talvez se tenha contado em classe algum episódio pessoal ou manifestando opiniões pessoais sobre questões que de alguma maneira estão relacionadas com o que se explica na aula.

A autora enfatiza que não se trata de contar aos alunos a própria vida pessoal, mas, por exemplo, experiências, episódios, opiniões pessoais e até êxitos e fracassos que ilustram ou se relacionam com aquilo que se está tratando na aula. A finalidade não é chegar a uma espécie de intimidade com a classe, mas encurtar distâncias entre nós, e que sejamos vistos como pessoas, além de professores.

4.1.1 Consequência da Abertura do Professor

Indica Novaski (1993) que a forma como o professor se relaciona com a sua própria área de conhecimento são fundamentais, assim como sua percepção de ciência e de produção do conhecimento.

Para o autor o conhecimento do professor é construído no seu próprio cotidiano, mas ele não é só fruto da vida na escola. Ele provém, também, de outros âmbitos e muitas vezes, exclui de sua prática elementos que pertence ao domínio escolar. A participação em movimentos sociais, sindicais, políticos e comunitários, podem ter mais influência no cotidiano do professor que a própria formação acadêmica.

Na perspectiva de Viana (1994, p. 50-51):

Conseqüentemente, será o veículo de democratização da estrutura do poder, não podendo ser apenas aquele que compreende e denuncia o autoritarismo, a agressão existente na escola e na sociedade de uma forma geral. Deverá ser o incentivador da organização coletiva, da criação e fortalecimento dos grupos de representação, dos sindicatos, das associações de bairros para o fortalecimento de toda a classe dominada da sociedade civil. Somente assim se transformará em real instrumento de trabalho participativo.

Ressalta a autora, que é necessário que o educador assuma seu trabalho como tarefa participativa, comum, a ser decidida, planejada, executada, controlada e avaliada por todos os indivíduos nela envolvidos. Sua função é a de servir de mediador da educação, da aprendizagem de todos, seja na escola propriamente dita, seja no bairro, no sindicato, na fábrica, no partido, na comunidade de base. Em seguida, trabalhar sobre ela, fazer nascerem dela as novas propostas criadoras.

4.1. 2 A conduta do Professor que tem Expectativas Altas

Segundo Libâneo (1994) as relações que acontecem na relação professor-aluno puramente no campo psicológico ou afetivo é, no mínimo, um comportamento ingênuo. Elas acontecem no palco de uma sociedade e, portanto, são profundamente marcadas pelas contradições sociais.

Afirma o autor que os professores vivem num ambiente complexo onde participam de muitas interações sociais por dia. São eles também frutos da realidade cotidiana das escolas e muitas vezes, são incapazes de fornecer uma visão crítica aos alunos, porque eles mesmos não a têm, porque se debatem no espaço de ajustar seu papel à realidade imediata da escola.

Diante do exposto de Morales (2003, p. 91-92):

[...] Interessa-nos analisar agora a conduta do professor no contexto da relação professor-aluno. A abundante literatura experimental sobre os efeitos das expectativas sugere que os professores que por alguma razão (ou sem razão, poderíamos acrescentar) têm sobre algum ou alguns alunos expectativas de maior rendimento tendem a tratar esses alunos de maneira diferentes da que tratam os outros alunos que não são tão especiais. Talvez algo parecido aconteça com outros profissionais que têm outras pessoas sob seus cuidados.

Acreditamos que muitos professores talvez se interessem em apresentar determinados cuidados com os alunos, os quais apresentam alguma necessidade especial ou, principalmente alguma necessidade de aprendizagem. E, em razão disso, alguns professores demonstrem interesse em ajudar estes alunos para que eles possam ter um eficiente desempenho.

4.1.3 Autenticidade e Genuinidade

De acordo com Franco (1984) o professor deve ser verdadeiro, sincero, e saber reconhecer suas qualidades e seus defeitos. O educador é um ser do mundo. Não pode ser pensado independentemente desta perspectiva; não é um indivíduo isolado, uma individualidade a parte que emite pareceres limitados numa relação unívoca com a escola e a sociedade.

O autor ressalta que não se podem analisar as relações que o professor estabelece com o aluno senão a partir de situações concretas de sua história e de sua vida.

Segundo Morales (2003, p. 105):

Um professor não tem por que utilizar principalmente sua autoridade legal para definir quem é em relação com os outros. Nem deve se esconder perpetuamente em seu papel profissional. Não devemos ter medo de nos apresentar aos alunos como somos, pessoas humanas, com sentimentos e opiniões pessoais, com algo pessoal a comunicar ocasionalmente e, além disso, professores. Mas somos antes pessoas e é importante que os alunos nos vejam assim.

Na perspectiva do autor essa abertura pessoal, dentro do eu é adequado e cabe em uma sala de aula convencional, pode ser uma manifestação de nossa autenticidade e genuinidade. Morales (2003), autor de destaque no âmbito da comunicação interpessoal, define a autenticidade como saber se nós mesmos inteiramente somos com toda liberdade, sem subjugar os outros. Trata-se de não apresentar uma fachada que oculte quem realmente somos.

É necessário que o professor apresente-se em uma sala de aula como uma pessoa que possui limite e não como um “policia” que apenas manda ou desmanda. Ele precisa reconhecer que é um ser humano e necessita aprender junto com os alunos.

4.1.4 Teoria do Afeto/Esforço

Conforme afirma Luckesi (1986) a relação professor-aluno é fundamental, capaz de deixar marcas no indivíduo por grande parte da existência. É preciso resgatá-la, compreendê-la e redimensioná-la.

Enfatiza o autor que a aula é um lugar de interação entre pessoas e, portanto, um momento único de influência. A relação professor-aluno no sistema formal é parte da educação e insubstituível na sua natureza. O aluno espera ser reconhecido como pessoa e valoriza no professor as qualidades que os ligam afetivamente.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e temas transversais (2001, p.68):

A busca e a construção do auto-respeito aparecem como um desejo e uma necessidade individual. Porém, constituição de uma imagem de si só é possível na relação com os outros, seja pelo reconhecimento da autoridade e da percepção da singularidade presente em cada ser humano – que ajudam a distinguir quais são as particularidades que definem o “eu” e o “outro” e o que identifica a todos como seres humanos -, seja pelo uso de um referencial, de ideias constituídos socialmente.

Na descrição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) dos temas transversais as imagens que cada um tem de si então intimamente associadas a valores e são vistas como positivas ou negativas. Vale dizer que é inevitável cada um procurar ter imagens boas de si, ou seja, ver-se revestido de valor positivo, pois cada um procura se respeitar como pessoa que

merece apreciação. É por essa razão que o auto-respeito, por ser um bem essencial, aparece como parte integrante dos projetos de bem estar psicológico e dos projetos de felicidade. Ninguém se sente feliz se não merecer a mínima admiração, o mínimo respeito aos próprios olhos.

5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Portanto, desde o início balizaremos o campo. Mais que tentar elaborar um tratado sistemático sobre um tema que fronteira com muitos outros, comentarei uma série de pontos que se relacionam com estas duas dimensões:

A relação professor na sala de aula entendida de maneira mais genérica, ao considerar que, uma vez que tudo é relação, o professor deve se interessar em refletir sobre essa visão de conjunto. Por exemplo, pensar como é nosso estilo de relação habitual, nossa relação global com a classe e os efeitos dessa relação nos alunos. A relação com os alunos em momentos ou situações específicas.

Nós, professores, temos momentos ou âmbitos específicos nos quais nossa relação com os alunos são clara, diferenciada e importante; por exemplo, quando faz as perguntas orais na classe, está relacionando com alunos concretos. Outro âmbito de relação e comunicação importante é o da avaliação.

Entretanto, a relação com os alunos é uma relação profissional que deve potencializar seu aprendizado integral (não só dos conteúdos que se explica). E, isso deve nos interessar pelo menos tanto quanto interessa ao vendedor não só não espantar seus clientes, mas até fazer com que comprem e levem mais que tinham a intenção de comprar.

5.2 Características da Amostra

Os sujeitos da relação professor-aluno estudado se enquadravam em duas categorias distintas: a dos docentes e a dos discentes. Para cada uma destas duas categorias foi formada uma amostra com sujeitos a ela pertencentes.

Inicialmente passa-se a apresentar as características da amostra escolhida para representar a categoria dos discentes.

Este segmento da pesquisa é resultado das 30 observações escritas realizadas na sala de aula em três turmas de 8º Ano do Ensino Fundamental, durante o mês de maio do ano letivo de 2014. No que diz respeito à amostra da categoria docente é resultado de 10 observações escritas realizadas com os professores das turmas de 8º Ano do Ensino Fundamental, durante o mês de maio do ano letivo de 2004 na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheira Márcia Guedes Alcoforado de Carvalho, Belém – PB.

5.3 Instrumentos de Coletas de Dados

Os instrumentos utilizados na pesquisa foram à observação e a entrevista. Na entrevista constarão perguntas do tipo fechadas e as do tipo abertas, relacionadas aos aspectos ligados a relação professor-aluno e à formação profissional do professor. Dentro do espaço escolar, alguns serão utilizados para observação: a sala de aula, salas de vídeo, tempos vagos do professor, objetivando proceder ao estudo considerando a investigação realizada no mês de maio, que se trata de um levantamento para obtenção da relação entre formação docente-prática pedagógica e escola atual-tecnológica-aprendizagem.

Depois de feito este levantamento, partiu-se para aplicação dos questionários aos alunos e em seguida aplicam-se os questionários aos professores.

6.1 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Nesta parte do trabalho pretende-se uma explicação do conjunto de dados coletados, partindo da realidade conforme percebida pelos sujeitos pesquisados.

Salientamos que essa é apenas uma das possíveis interpretações que advêm da pesquisa. Não sendo a única, nem a mais verdadeira. Interpretações diversas poderão surgir depois de analisar os mesmos dados por outros pesquisadores ou curiosos acerca do trabalho desenvolvido. Esclarece, no entanto, que as possíveis explicações aqui apresentadas foram

formuladas depois de um longo trabalho de compreensão dos significados manifestados pelos sujeitos no roteiro de entrevista utilizada durante a pesquisa.

A atividade realizada em sala de aula pelos os discentes foi bem sucedida, dos 30 (trinta) alunos que realizaram a atividade 18 ou 60,25% conseguem se relacionar com fluência e desenvoltura, 10 ou 33,25% apresentaram certa dificuldade impulsionada pela insegurança, constrangimento e falta de hábito, 02 ou 06,50 não se dispuseram a realizar a atividade.

A atividade realizada em sala de aula pelos os docentes foi bem sucedida, dos 10 (dez) professores que realizaram a atividade, 07 ou 70% conseguem se relacionar com fluência e desenvoltura, 03 ou 30% apresentaram certa dificuldade impulsionada pelo constrangimento e falta de respeito.

Análise dos Resultados da Entrevista com os Alunos

Inicialmente apresentam-se os resultados da entrevista da categoria discente. Portanto, os dados coletados encontram-se abaixo discriminados, um após outro, para que o leitor possa vislumbrar com melhor clareza, as conclusões encontradas, seguindo a sequência de perguntas formuladas, conforme entrevista no apêndice.

Características de um “Bom Professor”

Apresentam-se aqui os resultados da questão número 01, as frequências de respostas sobre os aspectos da relação professor-aluno que mais concorreram para as características de um bom professor conforme a opinião dos discentes. Quais as características de um bom professor?

TABELA 1 – Características de um bom professor

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Competentes	10	35,00
Responsáveis	08	25,75
Amigo	07	24,25
Inovador	05	15,00
Total	30	100,00

Dos 30 (trinta) discentes escolhidos para pesquisa, 10 (dez) ou 35% deles falaram serem competentes, 08 (oito) ou 25,75% falaram serem responsáveis, 07 (sete) ou 24,25% falaram serem amigos, 05 (cinco) ou 15% deles falaram serem inovadores.

Tais dados são relevantes para se perceber que os alunos em suas reflexões de sinalizar para esta ou aquela opção intrínseca o inevitavelmente presente em sua prática pedagógica. Mas, sobretudo, interessa-se colocá-lo como uma pessoa concreta, realizadora de uma atividade concreta. Sadin (1997, p. 17) observa-se que:

O professor precisa saber teorizar suas práticas [...]. Partir delas, além do representar um ponto de partida absolutamente próximo e familiar, permite perceber melhor o efeito inovador e direcionar melhor a teoria para a prática [...].

O professor pesquisador não concebe o conhecimento como algo definitivo, pronto, acabado. Mas, é aquele que o concebe como algo dinâmico, possível de construções e reconstruções. Por isso, sua prática obedece ao ritmo e interesses de seu alunado.

Tal resultado surpreende, tendo em vista que as características de um bom professor sejam adquiridas, durante o processo. E a interpretação desses dados só vem comprovar que os alunos adquiram os conhecimentos esperados, portanto as características de um bom professor atingiu o objetivo almejado.

Características de um Bom Professor que se Interessa pela Formação Pessoal ou Profissional

Os resultados referentes à 2ª (segunda) pergunta da entrevista com os alunos. Nesta questão foram perguntadas as características de um bom professor que se interessa pela formação pessoal ou profissional. A pergunta foi formulada literalmente assim: Você acha que um bom professor é aquele que se interessa pela formação pessoal ou profissional? Justifique.

A pesquisa com relação ao interesse de um bom professor foi realizada em dois momentos: o professor pela formação pessoal, e em seguida o professor pela formação profissional.

TABELA 2 – Características de um bom professor que se interessa pela formação pessoal ou profissional

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Formação Profissional	18	60,75
Formação Pessoal	07	24,25
Profissional e Pessoal	05	15,00
Total	30	100,00

O resultado da entrevista dos discentes verificou que dos 30 (trinta) discentes, 18 (dezoito) ou 60,75% deles falaram que um bom professor é aquele que se interessa pela formação profissional, 07 (sete) ou 24,25% falaram que um bom professor é aquele que se interessa pela formação pessoal, 05 (cinco) ou 15% deles falaram que um bom professor é aquele que se interessa pela formação profissional e pessoal.

Segundo Luckesi (1986, p. 28):

A formação profissional para o magistério requer, assim, uma sólida formação teórico-prática. Muitas pessoas acreditam que o desempenho satisfatório do professor na sala de aula depende de vocação natural ou somente da experiência prática, descartando-se a teoria.

O percentual menor considera que, às vezes, existiram atitudes diferenciadas com relação à formação pessoal ou profissional, esse percentual chega a 15% dos alunos. Para essa minoria, a forma de conceber o docente que se interessa pela formação pessoal ou profissional interferiu no rendimento do alunado. Acreditamos que essas atitudes de diferenciação poderão comprometer o bom andamento do processo ensino-aprendizagem na relação professor-aluno. Importante Manter os Professores Informados sobre os Acontecimentos que Afetam sua Escola

A tabela 3 corresponde à 3ª (terceira) pergunta da entrevista. A referida pergunta foi assim formulada: Você considera importante manter os professores informados sobre os acontecimentos que afetam sua escola?

TABELA 3 - Importante manter os professores informados sobre os acontecimentos que afetam sua escola.

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Sim	25	84,75
Não	5	15,25
Total	30	100,00

De acordo com a tabela 3, constata-se que de 84,75%, ou seja, um total de 25 alunos, disseram ser importante manter os professores informados para que a direção da escola corrija seus erros.

Características de um “Mau Professor”

Neste item, corresponde a 4ª (quarta) pergunta. A referida pergunta foi assim formulada: Quais as características de um mau professor?

TABELA 4 - Características de um mau professor

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Incompetentes	11	32,00
Agressivos	06	18,00
Antipáticos	05	15,00
Orgulhoso	04	12,50
Não tem ética profissional	04	12,50
Total	30	100,00

Em uma amostra de 30 alunos, que fizeram parte da pesquisa, 11 ou 32% desses alunos informaram que ser incompetentes, a característica de um mau professor encontra-se 06 ou 18% desses alunos afirmam serem agressivos, 05 ou 15% desses alunos que afirmam ser antipáticos, encontramos 04 ou 12,50% desses alunos que afirmam ser orgulhosos, encontramos 04 ou 12,50% desses alunos que afirmam não ter ética profissional.

O que se ressalta, apenas, é que os resultados da pesquisa só vêm confirmar o que já são de conhecimento dos discentes. Tem de considerar que o problema não é que seja bom com uns, e sim que pode ser maus com outros. E, além disso, porque não ser bons com todos?

Lembra-se que a relação com os alunos é uma relação profissional. Mas deve-se conscientizar de que as condutas associadas, as expectativas podem contribuir para o êxito de uns e o fracasso de outros.

A Importância de um Bom Relacionamento entre Professor-Aluno

Apresenta-se aqui os resultados da questão número 05, da entrevista, aplicados aos alunos. A referida pergunta foi assim formulada: Você considera importante um bom relacionamento entre professor-aluno? Justifique.

TABELA 5 – A importância um bom relacionamento entre professor-aluno.

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Sim	24	82,00
Não	06	18,00
Total	30	100,00

As respostas à pergunta variam de um para outro aluno, desde o atendimento individual até o estímulo à autoestima dos professores. Constatou-se que 24 ou 82% dos alunos falaram que sim, 06 ou 18% dos alunos falaram que não.

É importante ressaltar que as relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações na sala de aula fazem parte das condições organizativas do trabalho docente.

Podem-se ressaltar dois aspectos da interação professor-aluno no trabalho docente: o aspecto cognitivo que diz respeito a formas de comunicação dos conteúdos escolares e às tarefas escolares indicadas aos alunos e o aspecto sócio emocional que diz respeito às relações pessoais entre professor e aluno e às normas disciplinares indispensáveis ao trabalho docente.

Quando Necessário Repreender seu Professor

A tabela 6 apresenta a frequência dos resultados encontrados, após realização da pesquisa, referente à 6ª (sexta) pergunta de entrevista dos discentes que foi assim: É fácil para você, quando necessário repreender seu professor?

TABELA 6 - Quando necessário repreender seu professor

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Sim	20	66,75
Não	10	33,25
Total	30	100,00

Através dos dados da tabela 6 observar-se que de acordo com os entrevistados, 20 ou 66,75% dos alunos falaram que quando necessário não é fácil repreender seu professor, quando necessário 10 ou 33,25% dos alunos entrevistados disseram ser fácil repreender seu professor.

Professor que Apenas se Preocupa em dar Conteúdos

Apresentam-se a seguir os resultados da questão número 07, de entrevista, aplicados aos alunos. Nela indagamos sobre, caso tenha constatado, o professor que apenas se preocupa em dar conteúdos.

TABELA 7 - Professor que apenas se preocupa em dar conteúdos.

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Ser incompetentes	11	32,00
Sem criatividade	07	26,50
Sem experiência	07	26,50
Sem formação profissional	05	15,00
Total	30	100,00

A resposta a essa pergunta divergiu de um para outro, podemos observar que de acordo com os alunos entrevistados, 11 (onze) alunos falaram ser inabilidozos, 07 (sete) alunos falaram sem serem criativos, 07 (sete) alunos falaram sem habilidade, 05 (cinco) alunos falaram sem pôr ordem à ocupação especializada, esse número chega a termo de percentual a 100% dos alunos entrevistados.

O que se ressalta, é que na tendência liberal tecnicista acredita-se que a realidade contém em si suas próprias leis, bastando aos homens descobri-las e aplicá-las. Dessa forma, o essencial não é o conteúdo da realidade, mas as técnicas (forma) de descoberta e aplicações.

Um “Bom Relacionamento” entre Professor-Aluno Facilita o Aprendizado na Sala de Aula

Neste item analisa-se o conteúdo temático da 8ª (oitava) pergunta de entrevista para os alunos. Nela questionamos: Um bom relacionamento entre professor-aluno facilita o aprendizado na sala de aula? Justifique a sua resposta.

Nesta questão os alunos entrevistados, todos os alunos falaram que sim, esse número chega a termo de percentual a 100% dos alunos entrevistados.

TABELA 8 - Um bom relacionamento entre professor-aluno facilita o aprendizado na sala de aula.

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Sim	30	100,00
Total	30	100,00

Conteúdos Flexíveis

Apresenta-se, na tabela 9, respectivamente o resultado sobre a flexibilidade dos conteúdos apresentados pelos professores aos discentes. A pergunta foi assim: Os conteúdos apresentados pelos professores eram flexíveis?

TABELA 9- Flexibilização dos conteúdos.

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Opinião acatada com naturalidade	27	91,00
Não opinam	03	09,00
Total	30	100,00

Ao observar-se a tabela 9, especifica o índice mais elevado, ou seja, 27 alunos ou 91% declaram que suas opiniões foram sempre acatadas com naturalidade.

Encontra-se 03 alunos ou 9% que declarou não poder opinar acerca da escolha dos conteúdos, ou melhor, que os conteúdos eram rígidos e não podiam ser alterados.

Discussão com os Alunos do Plano de Curso de cada Disciplina pelos Professores

Apresentamos nesta tabela 10 o resultado das respostas referentes à 10ª pergunta que foi assim formulada: No início de cada disciplina os professores discutiam com os alunos o plano de curso proposto?

Tendo em vista a apresentação e discussão do plano de curso dos professores não ser um exercício comum entre aqueles que lecionam nas escolas de nível fundamental e médio, tanto na rede pública quanto da privada, procedeu-se com a formulação da 10ª pergunta para detectar-se o desenvolvimento dessa prática de alguma forma contribui para um melhor desenvolvimento da turma.

TABELA 10 – Discussão com os alunos do plano de curso de cada disciplina pelos professores.

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Sim	20	65,75
Não	10	34,25
Total	30	100,00

Através dos dados da tabela 10 pode-se observar que de acordo com 20 alunos, ou 65,75% dos entrevistados os professores tinham o hábito de discutir o plano de curso

proposto. O professor, muitas vezes, apresenta-se apreensivo ao notar que 34,25% ou 10 alunos entrevistados na pesquisa tenham afirmado na tabela 10 que os planos de curso não foram discutidos.

Análise dos Dados Coletados da Entrevista com os Professores

Depois de realizada a coleta de dados da categoria docente, procedemos à análise dos resultados obtidos, que se encontram organizados nos itens abaixo, seguindo a sequência de perguntas formuladas.

Tipo de Relação Professor e seus Alunos em Sala de Aula

Na tabela 1 apresentamos os resultados referentes à 1ª pergunta de entrevista dos docentes. Nela questionamos quais os tipos de relação professores e alunos da turma. A pergunta foi formulada literalmente assim: Qual o tipo de relação entre você, professor e seus alunos em sala de aula?

TABELA 1 - Tipo de relação professor e seus alunos em sala de aula

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Sinceridade	04	40,00
Respeito	03	30,00
Afeto	03	30,00
Total	10	100,00

Como podemos observar na tabela 1, acima, esses dados são o resultado do roteiro de entrevista dos 10 (dez) professores, 04 ou 40% dos professores falaram que mantém uma relação sincera com seus alunos, 03 ou 30% dos professores falaram que tem uma relação de respeito, 03 ou 30% dos professores falaram que tem uma relação afetiva. Tal constatação só vem confirmar as nossas suposições.

Tipo de Relação Professor e seus Alunos fora da Sala de Aula

Na tabela 2 apresentamos os resultados referentes à 2ª (segunda) pergunta da entrevista dos docentes. Nela interrogamos sobre os tipos de relação professores e alunos fora da sala de aula. A pergunta foi assim formulada: Qual o tipo de relação entre você, professor e seus alunos fora da sala de aula.

Para a pergunta formulada encontramos os resultados abaixo que estão apresentados na tabela.

TABELA 2 - Tipo de relação professor e seus alunos fora da sala de aula

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Amizade	06	60,00
Segurança	04	40,00
Total	10	100,00

Conforme se pode constatar na tabela 2 acima, esse dado é o roteiro de entrevista dos 10 (dez) professores, 06 ou 60% dos professores que mantêm um sentimento de estima com seus alunos, 04 ou 40% dos professores tem convicção em si mesmo.

Características de um “Bom Aluno”

Neste item, corresponde à 3ª (terceira) pergunta. Essa pergunta faz parte tanto de entrevista dos alunos quanto dos professores. Na parte do trabalho destinado aos procedimentos metodológicos. A referida pergunta foi assim formulada: Quais as características de um bom aluno?

TABELA 3 - Características de um bom aluno.

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Que se interessa em aprender	05	50,00
Ser responsável	03	30,00
Ter compromisso com suas atividades	02	20,00
Total	10	100,00

No que diz respeito dos 10 (dez) professores entrevistados, 05 ou 50% dos professores falaram aquele comprometido com estabelecimento de ensino profissional, 03 ou 30% dos professores falaram que responde pelos próprios atos, 02 ou 20% dos professores falaram aquele que tem a obrigação em promover o desenvolvimento da capacidade intelectual, moral e física.

Entretanto, vale também chamar a atenção para um aspecto muito significativo: quando os professores hoje apontam o “bom aluno”, só em situações raras referem-se ao posicionamento político do aluno. Isso significa dizer que, geralmente, esta não é uma dimensão apreendida pelos professores, ao considerar que talvez não faça parte da sua percepção no que diz respeito ao “bom aluno”.

Quando Necessário Reprender seu Aluno em Termos Bastante Fortes

Analisar o conteúdo temático da 4ª (quarta) pergunta de entrevista dos professores. Nela solicitamos que o professor informasse, quando necessário, reprender o seu aluno em termos bastante forte e a pergunta sendo assim formulada: É fácil para você, quando necessário, reprender o seu aluno em termos bastante fortes? Justifique a sua resposta.

TABELA 4 - Quando necessário reprender o seu aluno em termos bastante fortes

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Sim	06	60,00
Não	04	40,00
Total	10	100,00

Ao verificarem-se as respostas emitidas podemos então constatar que para repreender o seu aluno em termos bastante fortes dos 10 (dez) professores entrevistados, 06 ou 60% dos professores falaram que sim, 04 ou 40% dos professores falaram que não retrocede quando deve advertir a sua relação com o aluno.

Um de seus Alunos Recusa-se a Consultá-lo a Respeito de seus Problemas com a Classe

Na tabela 5 encontra-se o resultado das respostas dos docentes à questão 5ª (quinta). A pergunta foi assim formulada: Um de seus alunos recusa-se a consultá-lo a respeito de seus problemas com a classe, ainda que as coisas não andem muito bem para ele. Ele confessa que prefere “arranjar-se sozinho”. O que você faz?

TABELA 5 - Um de seus alunos recusa-se a consultá-lo a respeito de seus problemas com a classe

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Resolve as dificuldades	06	60,00
Procura a direção	02	20,00
Atua como entende	02	20,00
Total	10	100,00

Como se podem constatar na tabela 5, esses dados é o resultado de entrevista dos 10 (dez) professores, 06 ou 60% dos professores falaram que tenta ajudá-lo a resolver suas dificuldades, 02 ou 20% dos professores falaram que lhe faz compreender que deve procurar a direção, se não quiser ter problemas, 02 ou 20% dos professores falaram que a deixa atuar como entender.

Características de um Mau Aluno

Apresenta-se os resultados da questão número 06, da entrevista, aplicado aos professores. A referida pergunta foi assim formulada: Quais as características de um mau aluno?

TABELA 6 - Características de um mau aluno

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Não se compromete com a aprendizagem	04	40,00
Assume atitudes irresponsáveis	04	40,00
Prejudica o desempenho escolar	02	20,00
Total	10	100,00

Ao analisarmos os dados referentes no que diz respeito dos 10 (dez) professores entrevistados, 04 ou 40% dos professores falaram que não se envolve com a instituição profissional, 04 ou 40% dos professores falaram que assume posturas que não pode ser responsabilizado pelos atos que pratica 02 ou 20% dos professores falaram que acaba por prejudicar o desempenho escolar.

Pode-se Melhorar a Relação Professor – Aluno, para que o Desempenho Educativo seja mais Eficaz

Neste item, corresponde a 7ª (sétima) pergunta: Como se pode melhorar a relação professor – aluno, para que o desempenho educativo seja mais eficaz?

TABELA 7 - Se pode melhorar a relação professor – aluno, para que o desempenho educativo seja mais eficaz

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Ser crítico e criativo	04	40,00
Que desperta seu interesse	03	30,00
Dar estímulo à participação	03	30,00
Total	10	100,00

Pode-se então constatar que para melhorar a relação professor – aluno dos 10 (dez) professores entrevistados, 04 ou 40% dos professores falou estimular o pensamento crítico e

criativo, 03 ou 30% dos professores falaram despertar seu interesse, 03 ou 30% dos professores falaram estimular a participação dos alunos.

Outras vezes o professor nota seu próprio cansaço e ao mesmo tempo a ausência mental e progressiva dos alunos, que reagem ao cansaço do professor com seu próprio enfado. Interromper a explicação e começar a fazer perguntas orais traz novamente os alunos para a classe.

Os alunos, com frequência, estão mentalmente em outro lugar, não na sala de aula. Uma pergunta oportuna faz com que eles voltem para a sala de aula. Esse relacionamento professor – aluno, só contribui para que, também, o problema seja solucionado, para que o desempenho educativo seja mais eficaz.

Se for mais Simpático para seus Alunos, Será mais Fácil Educá-los

Apresenta-se na tabela 8, respectivamente, o resultado sobre se for mais simpático para seus alunos na relação professor – aluno será mais fácil educá-los. A pergunta foi assim formulada: Você é de opinião que se for mais simpático para seus alunos, será mais fácil educá-los?

TABELA 8 - Se for mais simpático para seus alunos, será mais fácil educá-los

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Sim	06	60,00
Não	04	40,00
Total	10	100,00

De acordo com os dados coletados constata-se através do roteiro de entrevistas que dos 10 docentes, 06 ou 60% dos professores falaram que sim, 04 ou 40% dos professores entrevistados falaram que não.

O que foi Feito para Diminuir as Diferenças

A tabela 9 apresenta a frequência dos resultados encontrados, após a realização, referente à 9ª pergunta que foi assim formulada: O que você fez para diminuir tais diferenças com os seus alunos?

TABELA 9 – Quais diferenças?

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Discutir com a turma o problema	04	40,00
Conversou individualmente	06	60,00
Total	10	100,00

Após análise dos resultados, constata-se que na primeira colocação com 06 indicações ou 60%, os docentes afirmaram que utilizaram como medida para resolver o problema da discriminação em sala de aula a conversa individual com seus alunos.

Outros professores, porém, ousaram discutir o problema com a turma. Esses se encontram na segunda colocação com 04 indicações ou 40% de frequência. Tais professores podem até não ter resolvido o problema, mas com certeza contribuíram para uma reflexão profunda acerca do assunto.

A sua Relação com os seus Alunos

Encontramos o resultado da 10ª (décima) do roteiro de entrevista dos docentes. A pergunta foi assim formulada: Dê a sua opinião argumentando a sua relação com os seus alunos.

TABELA 10 - A sua relação com os seus alunos.

RESPOSTAS	NÚMEROS BRUTOS	NÚMEROS RELATIVOS (%)
Relaciona-se facilmente	07	70,00
Empecilhos e falta de consideração	03	30,00
Total	10	100,00

Como se pode constatar 10 docentes entrevistados, 07 ou 70% dos docentes falaram com os discentes, 03 ou 30% dos docentes apresentaram empecilhos e falta de consideração com os discentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como ponto de partida, é importante pensar nos efeitos não-intencionais, mas alcançados, por meio de nosso ensino e relacionamento com os alunos. De fato, nosso impacto e nossa influência sobre os alunos vão além dos conhecimentos e habilidades que se ensina. Nisto pode consistir o mais importante de nossas atividades como professores: incidiram-se os valores, atitudes, hábitos, motivação, em como eles veem a si mesmo. Dessa perspectiva, que não se limita a contemplar a mero aprendizado das matérias como o objetivo único ou mais importante, nossa relação com os alunos adquire toda a sua importância. Os “bons” efeitos não-intencionais, mas alcançados e percebidos, podem depois se transformar em finalidades conscientemente intencionais.

Não se pretende apresentar aqui reflexões definitivas às questões que abordamos ao longo de nosso estudo. Realiza-se, assim, com brevidade, nossas últimas considerações sobre pontos de destaque desta pesquisa, sempre com a preocupação de não generalizar as abordagens, que se dedicaram a confirmar teorias e compará-las a realidade, buscando uma firme compreensão das inúmeras atitudes ocorridas no dia-a-dia dos alunos, principalmente, com relação professor – aluno.

Inicialmente o trabalho de pesquisa com o objetivo de caracterizar o tipo de relação professor – aluno em sala de aula dos alunos e professores que formavam as turmas de 8ª série, nas quais concentra pesquisas e posteriormente, análises.

O modo como se dá a relação com os alunos, a qualidade de nosso relacionamento com eles e nosso impacto global sobre eles dependerão, sobretudo as próprias atitudes e do modo como nos vemos a nós mesmos como professores.

A relação com os alunos não se limita ao que se costuma associar à expressão relações humanas (ser abertos, amáveis etc.); abrange todas as dimensões do processo de ensino – aprendizagem que se desenvolve na sala de aula; também se comunica com o que fazer: dando estrutura ao aprendizado, orientando... E mais: nossa tarefa básica consiste em ajudar os alunos a estudar e a aprender.

A atitude com relação aos alunos condiciona sua atitude diante de nós. Nossas expectativas sobre alguns alunos se traduzem em condutas que os orientam e estimulam; deveríamos ter as mesmas atitudes com todos. Cabe a nós tentar mudar um mau relacionamento (com todos ou com alguns alunos)... E, nesse contexto, ainda que apareça um tema menor, as primeiras impressões são importantes e devemos controlá-las.

A conscientização de que o aspecto social pode por vezes interferir no processo de ensino – aprendizagem, e mais especialmente na relação professor – aluno, incentiva a comunidade escolar para o desenvolvimento de ações motivadoras que inibam atitudes de preconceitos e submissões destes alunos. Além de contribuir para uma maior compreensão de comportamentos adotados, em sala de aula.

O despreparo educacional e o reflexo da realidade social também foram constatados na relação professor – aluno, de nossas pesquisas com os alunos, mesmo quando se realiza atividades acessíveis ao seu nível de compreensão. Revela-se o grau de deficiência que está convivendo na educação de nosso País, e quão grande são as barreiras a serem superadas para a efetivação da relação professor – aluno.

Como professores, são sabedores da enorme responsabilidade que assumem perante a sociedade e que o caminho que escolhem para trilhar é por demais cheios de obstáculos, mas mesmo com a constatação de um quadro não muito animador, enxergam que mudanças positivas são possíveis, dependendo da atuação frente aos desafios e da opção que fazem em continuar na adoção de práticas inibidoras em relação professor – aluno.

A relação com os alunos pode ser o veículo para que a tarefa como professor transcenda nossa própria matéria e os alunos possam aprender coisas importantes para sua própria vida. Mas qualquer estilo de bom relacionamento nascerá a partir de nossas próprias convicções sobre o que é ser professor e de tomada de consciência de uma maneira muito explícita do efeito real que tem sobre os alunos tudo o que fazemos ou deixamos de fazer.

Igualmente, salienta-se que as constatações descritas neste trabalho foram obtidas de acordo com a percepção dos professores e alunos donde se concluiu a validade desta pesquisa referem-se muito mais a uma representação social que docentes e discentes da importância de valorizar o relacionamento professor – aluno.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico – o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos dos temas transversais**. Brasília, 2011.
- CARNEIRO, Marísia Teixeira; FERREIRO, Emília. **Lingüística no primeiro grau**. Nova Escola, São Paulo, n° 99, dezembro, 1996.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. São Paulo, Papyrus, 1989.
- CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DEIRO, Judy. **A study of student and teacher Boping**. People and Education, vol. 3, 1995. (p. 40-67).
- FOLLMAN, Jonh. **Teachers as life influences**. People and Education, vol. 2, 1994. (p. 07-30).
- FRANCO, Luís Antônio C. **“A disciplina na escola”**. Revista da Ande. São Paulo: 1984.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática** (Coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor). São Paulo: Cortez, 1994.
- LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo**. Revista da Ande. São Paulo, 1986.
- MASETTO, Marcos. **Buscando o significado a didática**. In Didática: Aula como centro. São Paulo: FTD, 1994.
- MILLER, Cynn Carol, Self - **disclosure: A Meta – Analytic Reviw**, psychological Bulletin, 1994.
- MORALES, Pedro. **A relação professor – aluno, o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2003.
- NOVASKI, Augusto Crema. **Sala de aula: uma aprendizagem do humano**. In. Sala de aula: que espaço é esse? São Paulo: Papyrus, 1993.
- PILETTI, Claudino. **Didática geral**. São Paulo: Ática, 1986.
- ROSENTHAL, Robert, **Interpersonal expectations: Some antecedents and some consequences**, in Blanck, Peter David, Cambridge University Press, 91-13, 1993.

SANDÍN, Esteban Maria Paz, Implicacions educativas de la multicularidad. Exposição apresenta no encontro “Propuestas. Espacios de Pedagogia”, Fundación Santa Maria, Vitória, 1997.

VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. **Planejamento participativo na escola: um desafio ao educador.** São Paulo: ERU, 1994.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista para os Alunos

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista para os Professores

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES****ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS ALUNOS**

1) Quais as características de um bom professor?

2) Você acha que um bom professor é aquele que se interessa pela formação pessoal ou profissional? Justifique.

3) Você considera importante manter os professores informados sobre os acontecimentos que afetam sua escola?

Sim Não

4) Quais as características de um mau professor?

5) Você considera importante um bom relacionamento entre professor – aluno?

Sim Não

6) É fácil para você, quando necessário repreender seu professor?

Sim Não

7) O que você acha de um professor que apenas se preocupa em dar conteúdos?

8) Um bom relacionamento entre professor – aluno facilita o aprendizado na sala de aula?

Justifique a sua resposta.

9) Os conteúdos apresentados pelos professores eram flexíveis?

a) Os alunos não podiam opinar sobre a escolha dos conteúdos;

b) A opinião dos alunos era acatada com naturalidade.

10) No início de cada disciplina os professores discutiam com os alunos o plano de curso proposto?

Sim Não

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES****ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES**

- 1) Qual tipo de relação entre você, professor e seus alunos em sala de aula?
- 2) Qual tipo de relação entre você, professor e seus alunos fora da sala de aula?
- 3) Quais as características de um bom aluno?
- 4) É fácil para você, quando necessário, repreender o seu aluno em termos bastante fortes?
Justifique a sua resposta.
- 5) Um de seus alunos recusa-se a consultá-lo a respeito de seus problemas com a classe, ainda que as coisas não andem muito bem para ele. Ele confessa que prefere “arranjar-se sozinho”.
O que você faz?
 - a) Deixa-o atuar como entende.
 - b) Tenta ajudá-lo a resolver suas dificuldades.
 - c) Faz-lhe compreender que deve procurar a direção, se não quiser problemas.
- 6) Quais as características de um mau aluno?
- 7) Como se pode melhorar a relação professor – aluno, para que o desempenho educativo seja mais eficaz?
- 8) Você é de opinião que se for mais simpático para seus alunos, será mais fácil educá-los?
 Sim Não
- 9) O que você fez para diminuir as diferenças com os seus alunos?
 - a) Discutiu com a turma o problema.
 - b) Conversou individualmente com as pessoas atingidas.
- 10) Dê a sua opinião argumentando a sua relação com os seus alunos.

